



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
GABINETE VEREADOR CLAUDINHO
Presidente da Comissão de Educação, Cultura e Esportes

DL 484 / 2007

JUSTIFICATIVA

O uso de preservativos torna-se cada vez mais necessário, sobretudo com a disseminação de HIV/AIDS e outras infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). É preciso facilitar o acesso aos preservativos, baixar seus custos, promovê-los mais e ajudar a superar os obstáculos sociais e pessoais ao seu uso, se quisermos reduzir as enormes conseqüências e custos das ISTs e da gravidez indesejada.

Toda pessoa sexualmente ativa deve sempre usar preservativos, a não ser que tenha uma relação mutuamente monogâmica. Estima-se que 24 bilhões de preservativos deveriam ser usados a cada ano, mas o uso real é muito menor, de apenas 6 a 9 bilhões.

Para evitar a AIDS, mais e mais pessoas solteiras estão mudando seu comportamento sexual. Alguns passaram a evitar o sexo completamente, enquanto outros adotaram o uso de preservativos. Nos países pesquisados, de 5 a 33% dos homens que nunca se casaram disseram que começaram a usar preservativos para evitar a AIDS. Mas muitos outros não adotaram um comportamento sexual mais seguro. Verificou-se que o índice de uso de preservativos é menor entre casados do que entre solteiros sexualmente ativos, mas muitos casais também deveriam usar preservativos, como forma de planejamento familiar e para se protegerem contra as ISTs .

Políticas para promover os preservativos

Muitos governos apóiam a promoção dos preservativos. Há políticas de governo que estabelecem expressamente o direito das pessoas a usarem preservativos e a receberem informações sobre os mesmos. Alguns governos apóiam a disseminação de informações sobre a contracepção em geral, enquanto que outros promovem os preservativos especificamente.

Segundo as pesquisas, a maioria dos homens e mulheres acha aceitável a cobertura que a imprensa de massa faz dos preservativos e outros métodos de planejamento familiar. Por exemplo, em 31 países em desenvolvimento pesquisados no final dos anos 80 e início dos 90, uma média de 82% das mulheres casadas em idade reprodutiva disseram concordar com o fornecimento de informações sobre planejamento familiar pelo rádio e televisão. Em sete países onde os homens também foram pesquisados, a média de aprovação foi de 88% .



CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

GABINETE VEREADOR CLAUDINHO

Presidente da Comissão de Educação, Cultura e Esportes

No entanto, os responsáveis pelas políticas, os líderes religiosos e os dirigentes dos meios de comunicação de massa freqüentemente resistem aos esforços de promoção dos preservativos. Para vencer esta resistência, os defensores das campanhas de promoção podem tentar mostrar às autoridades e líderes os verdadeiros fatos sobre as ISTs e os preservativos. Por exemplo, o presidente de Uganda deixou de se opor à promoção dos preservativos depois que viu as estimativas, feitas por computador, das conseqüências nefastas da AIDS em seu país. Na Indonésia, Jamaica, Quênia, Nigéria, Senegal e Tanzânia, os esforços para a prevenção da AIDS conseguiram a ajuda de líderes religiosos.

Publicidade

A disseminação de HIV/AIDS convenceu vários países a liberalizar suas políticas sobre publicidade dos preservativos. Antes proibidos, por exemplo, no Reino Unido e na França, os anúncios de preservativos agora estão legalizados nestes países. Outros países que permitem explicitamente a publicidade incluem o Brasil, Colômbia, Dinamarca, Peru, Cingapura e Uganda. O próprio governo da Etiópia faz anúncios de anticoncepcionais, inclusive preservativos. Na Rússia, uma campanha governamental de sexo seguro usa a publicidade como sua principal abordagem.

Por outro lado, alguns governos continuam a proibir, restringir ou regulamentar a publicidade de preservativos. Na Indonésia, por exemplo, esta publicidade não é permitida se ela promover relações sexuais extraconjugais ou com profissionais do sexo—atividades ilícitas que têm a probabilidade de disseminar o HIV/AIDS— mas é aceitável se os preservativos forem promovidos como método de planejamento familiar.

(Dados fornecidos pelo site: www.boasaude.uol.com.br)

Nesse sentido rogo aos nobres pares apoio para incentivarmos as políticas públicas para o uso de preservativos, de forma que se torne um hábito na vida do cidadão. Tais medidas em muito contribuem para as políticas de saúde pública e significam grandes economias ao sistema de saúde.